

ABOLIÇÃO**Alex Franco**

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Yá Yá Massemba

Que noite mais funda calunga
 No porão de um navio negreiro
 Que viagem mais longa candonga
 Ouvindo o batuque das ondas
 Compasso de um coração
 de um pássaro
 No fundo de um cativo
 É o semba do mundo calunga
 Batendo samba em meu peito
 Kawô kabiecilê kawô ô ô
 Okê arô okê
 Quem me pariu foi o ventre
 de um navio
 Quem me ouviu foi
 o vento no vazio
 Do ventre escuro de um porão
 Vou baixar no seu terreiro
 Epa raio, machado e trovão
 Epa justiça de guerreiro
 Ê semba ê
 Ê Samba á
 O batuque das ondas
 Nas noites mais longas
 Me ensinou a cantar
 Ê semba ê
 Ê Samba á
 Dor é o lugar mais fundo
 É o umbigo do mundo
 É o fundo do mar
 No balanço das ondas
 Okê arô
 Me ensinou a bater seu tambor
 Ê semba ê
 Ê Samba á
 No escuro porão eu vi o clarão
 Do giro do mundo
 Que noite mais funda calunga
 No porão de um navio negreiro

Na velha infância,
 Escravidão era distante,
 Do século anterior.
 Outra época, Outra realidade,
 Vergonha superada, Assunto a esquecer,
 Histórias a romantizar.
 Na velha infância,
 Escravidão era passado
 Salve Isabel princesa
 Na nova velhice,
 Escravidão é próxima, Mora ao lado.
 Triste tempo, Triste realidade,
 Dolorosa consciência,
 Assunto a esclarecer,
 Verdades a escancarar.
 Na nova velhice, Escravidão é presente.
 Salve Amarildos e Moíses,
 salve Marielles e Ágathas.
 Na nova velhice, há: Escravidão mimetizada,
 Segregação velada,
 Covardia escancarada.
 Atos que enojam, Fatos que revoltam.
 Perseguição nos mercados
 Olhares de condenação prévia,
 Senzalas camufladas – ou não,
 Chibatadas a céu aberto,
 Dormitórios em currais,
 Água barrenta, Comida azeda,
 Vinho, carvão, arroz, confecção...
 Na nova velhice, Escravidão é projeto.
 Salve-me quem puder.

■■■
13/05/2023

Que viagem mais longa
 candonga
 Ouvindo o batuque das ondas
 Compasso num coração
 de um pássaro
 No fundo de um cativo
 É o semba do mundo calunga
 Batendo samba em meu peito
 Kawô kabiecilê kawô ô ô
 Okê arô okê
 Quem me pariu foi o ventre de
 um navio
 Quem me ouviu foi o
 vento no vazio
 Do ventre escuro de um porão
 Vou baixar no seu terreiro
 Epa raio, machado e trovão
 Epa justiça de guerreiro
 Ê semba Ê semba á
 Nas noites de frio
 Minha solidão
 Ê semba ê
 Ê semba á
 É o oceano sem fim, sem amor,
 sem irmão
 Ê kaô quero ser seu tambor
 Ê semba ê Ê semba á
 Eu faço a lua brilhar
 o esplendor e clarão
 Luar de Luanda em meu coração
 Umbigo da cor
 Abrigo da dor
 A primeira umbigada
 Massemba Yá Yá Yá Yá
 Massemba é o samba que dá
 Vou aprender a ler
 Pra ensinar meus camaradas!

■
 (Capinam & Roberto Mendes)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.